

INTERVALO ANALITICO

LUTO



Daniel Lannes. *Cadillac Cubano*, 2021.

MATÉRIA DA CAPA

A Verdade e o Saber na Construção do Nó do Luto

"Fica claro assim que saber e verdade, antes de traduzir as relações entre a linguagem e o mundo, são movimentos do desejo."
(Christian Ingo Lenz Dunker)

Sobre determinada forma de luto

"Para o paciente, o luto se encontra na experiência com a dor inerente à perda dos significados de suas experiências emocionais." (Manola Vidal)

Por **Christian Ingo Lenz Dunker**
e **Manola Vidal**
páginas 3 e 4

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Entrevista com Vinita Kshetrapal

"No domínio da Psicanálise, especialmente quando se trata da tarefa de articular realidades emocionais indescritíveis e intrincadas, a diversidade linguística revela-se um recurso imensamente valioso."

Por **Carlos Pires Leal**
páginas 5 e 6

PSICANÁLISE & CIA

Luiz Alberto Oliveira

"O que se pode dizer, ecoando Paul Valéry, é que o futuro não será como antigamente."

Por **Sandra Gonzaga e Silva**
páginas 10 e 11

EU NÃO TERIA ME TORNADO QUEM SOU, SE...

Nós por todas

"Eu não queria fazer a peça, eu desejava ser o texto."

Por **Maria Eduarda Carvalho**
página 12



Para desenlutar a linguagem

"No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu", disse Freud em sua obra seminal acerca das perdas que nos afetam desde a noite dos tempos: seja perder o outro, seja perder a nós mesmos. Considerada pelo psicanalista norte-americano Thomas Ogden uma das passagens mais representativas da inseparabilidade de estilo e conteúdo na teoria analítica, esse trecho é um símbolo da exegese que *Luto e melancolia* se tornou desde sua publicação, em 1917, para tentar simbolizar não o quê ou quem perdemos, mas aquilo que foi perdido afinal naquilo ou naquele que se perdeu.

Mais do que um ensaio sobre o luto e a melancolia, sendo o segundo conceito assimilado à depressão de nossos dias, Freud nos mostrou como na realidade o trabalho do luto é um trabalho quase impossível de ser realizado. Primeiro, porque, diante da perda, o Eu rebelde-se contra a realidade, não abandonando facilmente uma posição psíquica que lhe deu satisfação (vejam os casos de luto patológico e de melancolia). E segundo, porque, muitas vezes, a elaboração do luto é extremamente difícil porque há na perda algo mesmo de insubstituível (como a morte de um filho, por exemplo), onde não cabe qualquer substituição.

Para nos ajudar a problematizar a questão do trabalho de simbolização da perda, convidamos Christian Dunker, professor titular em Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da USP, analista membro da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, duas vezes agraciado com o

Prêmio Jabuti. O autor do recém-lançado *Lutos finitos e infinitos* nos mostra que um luto se insere na série de lutos que o precedeu, e o tornou possível, mas também na perspectiva dos lutos futuros. Ainda na *Matéria da Capa*, Manola Vidal, membro convidado da SBPRJ, comenta sobre determinada forma de luto e a importância da sua ressignificação.

Em *Fazendo Parte da Psicanálise*, Carlos Pires Leal entrevista a colega Vinita Kshetrapal, da Sociedade Psicanalítica Indiana (IPS), sobre os primórdios da Psicanálise na Índia, sua influência na obra de Bion e Jung, o trabalho do pioneiro G. Bose, o impacto da diversidade linguística na prática psicanalítica, entre outras questões.

Partindo do mito de Orfeu, o crítico de cinema e membro honorário da SBPRJ Luiz Fernando Gallego fala do luto em Freud, em Hitchcock – cuja obra-prima "Vertigo" reencarna o mito na história da bela e fatal Kim Novak, duplicada nas personagens Madeleine e Judy – e também em Vinícius e Rilke.

Na *Coluna do Instituto*, Maria Cristina Reis Amendoeira, membro associado, fala sobre a importância das narrativas e da escrita como maneiras de expandir nossos mundos, interno e externo. Ainda sobre o Instituto, Maria da Penha de Mattos Nascimento, membro associado, partindo de sua trajetória pessoal durante o período de formação, compartilha algo daquilo que é se tornar analista, buscando o universal no particular.

Em *Psicanálise & Cia*, a editora Sandra Gonzaga e

Silva entrevista o físico e doutor em Cosmologia Luiz Alberto Oliveira numa conversa inquietante sobre como o homem pode estar contribuindo para o seu próprio desaparecimento sobre a face da Terra, a Era dos Humanos, e o que esperar da COP 28.

A atriz e roteirista Maria Eduarda de Carvalho, que acaba de dirigir seu primeiro longa metragem intitulado "Nós Por Todas", uma ficção documental que trata do desejo feminino, comenta sobre um momento transformador em sua vida na coluna *Eu não teria me tornado quem sou, se...* Fechamos a edição comemorando a merecida Moção de Louvor recebida por Wania Maria Cidade, ex-presidente da SBPRJ e atual presidente da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), outorgada pela Vereadora Mônica Cunha, em reconhecimento por seu trabalho de combate ao racismo e pelo bem-estar da população negra, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Se é verdade que o discurso analítico desenluta a linguagem, como disse o psicanalista francês de origem egípcia André Green, esperamos com este número terminar se não com um pequeno saldo, como o defunto protagonista das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ao menos não tão "deixados e deixantes". Ainda bem que nos resta uma bela, porém triste edição para nos fazer companhia.

Boa leitura e um Feliz 2024!

// Tiago Mussi

tiagofranco@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanalDeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Danielle Grynszpan, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoreção:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

Presidente: Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Psczcol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Leticia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Carlos Pires Leal



A Verdade e o Saber na Construção do Nó do Luto

Acredito no trabalho de luto, entendido como reconstrução de uma unidade borromeana e concluído a partir da integração de cada novo luto na cadeia de lutos do sujeito, mas também na cadeia de lutos no Outro. As três perguntas cruciais que o enlutado deve responder, em termos freudianos, podem ser entendidas como reformulações das relações entre saber e verdade. Qual é a realidade da perda? O que foi perdido naquilo ou naquele que se perdeu? E como criar, em si, um equivalente simbólico reduzido do que foi perdido e que agora toma parte no Outro?

Lembremos que os modelos dos triângulos interpolados, sobre os quais Lacan tenta formalizar as relações entre saber e verdade, foram relativamente esquecidos por seus comentadores, ainda que reapareçam de forma modificada no *Seminário do Ato Analítico*, na *Teoria dos Discursos* e também no *Seminário, livro 20: Mais ainda*. O primeiro triângulo, desenvolvido em 1965, compreende a compulsão (*Zwang*), o sentido (*Sinn*) e a verdade (*Wahrheit*), e este parece deduzido da noção de repetição aplicada ao inconsciente. O segundo triângulo é composto pela série compreendida pelo Saber, Sujeito e Sexo e, aparentemente, desdobra a vertente pulsional. Se a verdade retorna, o Real repete. Observemos que o primeiro triângulo tem uma nítida procedência freudiana, com seus termos expressos e tratados em alemão, ao passo que o segundo triângulo envolve noções trazidas por Lacan: o sujeito (*sujet*), o saber (*savoir*) e a noção ainda genérica de sexo. O alemão tem dois termos para sexo, *sex*, que se refere mais ao ato e ao aspecto erótico, e o *geschlecht*, que se refere ambigualmente tanto ao sexo enquanto gênero quanto aos órgãos sexuais.

Saber e verdade pertencem a circuitos separados. A partir desta separação, poderíamos descrever o processo do luto como: a aparição de uma verdade violenta e intrusiva concernente à morte, seguida por um momento de descrença e perturbação do sentido e, finalmente, o momento de angústia e

"A maneira como
invertemos
e vivemos
simultaneamente
falantes e escutantes,
amados e amantes,
e no caso do
luto: deixados e
deixantes."

realização da certeza da perda. Na segunda fase do luto, o sujeito reduz gradualmente o saber expresso pelas identificações, por um processo de contagem e comparação, que culmina na simbolização tanto da verdade como saber, quanto o saber como verdade, que é como podemos ler o estatuto da metáfora. Em seguida, podemos discernir um momento de excesso da verdade em relação ao saber, que me propus chamar de "momento estético do luto". O processo, em sua descrição freudiana, termina com uma libertação.

O Eu cria um traço novo dentro de si, apropria-se da perda por meio de um objeto, o que representa provisoriamente uma nova posição da verdade e uma conquista do trabalho de saber. Fica claro assim que saber e verdade, antes de traduzir as relações entre a linguagem e o mundo, são movimentos do desejo. A maneira como invertemos e vivemos simultaneamente falantes e escutantes, amados e amantes, e no caso do luto: deixados e deixantes. A transitividade entre sujeito e objeto ajuda a entender que diante da morte do outro, sentimos que ele nos

traui e nos abandonou, mas também que nós "deixamos ir" ou "amamos menos do que deveríamos". É por isso que o luto de Hamlet só avança quando ele sente ciúmes do luto de Laertes em relação à falecida irmã Ofélia. Podemos olhar para o luto como um ponto de corte na continuidade da vida. Ele impõe uma primeira reação de surpresa e dor. Mas para Freud, este primeiro tempo convoca um trabalho de teste da realidade, correlato da ideia que diante da morte nossa primeira reação é de surpresa e incredulidade. O teste de realidade tem um limite e um resíduo, pois ele não pode lidar com ideias negativas ou com realidades negativas, como a morte. Para Freud, o inconsciente não admite ideia de negação, contradição ou tempo. Mas, ainda assim, ele se estrutura como uma repetição: a repetição coercitiva aos traços mnêmicos de satisfação, definição mesma de desejo.

Ora, a resistência à negação permite rever a série lacaniana da Verdade-Coerção-Sentido, extraindo seu reverso: não-verdade, não-coerção, não-sentido. Esta conjunção define exatamente o primeiro buraco criado pelo luto, ou seja, o buraco entre Imaginário e Real, que define o outro gozo.

Para Lacan, a verdade depende de duas torções: uma primeira torção em relação ao saber, e uma segunda torção ligada ao sentido. Assim, também o luto depende de uma primeira torção sobre o saber, que se refere aos modos de divisão do sujeito (*Spaltung*), e uma segunda em relação à duplicação forçada do sentido (*Entzweiung*). A primeira é negativa, a segunda é criativa, assim como as duas partes do luto. A primeira envolve uma desalienação, a segunda uma separação. Ao final, o luto constrói uma borda composta por três buracos: "O sujeito é esse singular que somente assinala esta dissimetria da diferença, cada vez que o sujeito encontra sua verdade, o que ele encontra ele troca em objeto a."

// **Christian Ingo Lenz Dunker**
chrisdunker@usp.br

Sobre determinada forma de luto



Compreendendo o luto como um processo inerente às transformações psíquicas, temos que sua realização constitui uma expectativa em relação aos alcances da prática clínica. Levando em conta uma possível dinâmica entre o luto do psicanalista e aquele realizado pelo paciente no decorrer do processo de tratamento, temos um tensionamento: para o psicanalista, o processo de luto está ligado ao despojamento dos sentidos que captam a realidade sensorial e possibilitam o ingresso em um estado de mente sem memória, desejo ou necessidade de compreensão (Bion, 1962/1966).

Para o paciente, o luto se encontra na experiência com a dor inerente à perda dos significados de suas experiências emocionais. Emoção significa “aquilo que nos move”, a experiência significa “como vivencio algo” e, assim, a experiência emocional significa “como eu vivencio aquilo que me move”. O luto do psicanalista será necessário para seu afastamento da realidade sensível e aproximação da realidade psíquica, e



Roberto Rodrigues. *O Estilista do amor e da morte* (1906-1929).

“Para o psicanalista, o processo de luto está ligado ao despojamento dos sentidos...”

o luto do paciente depende de que se mantenha a coesão de si na perda do significado oferecido por determinada conjunção de elementos psíquicos. Esta perda do significado do que antes estava conjugado traz um hiato, uma cesura (Bion, 1977/1989), até o encontro de um novo significado.

Assim, tolerar um processo de luto significa tolerar a frustração e, segundo Dario Sor (1988), o encontro de novos significados que emergem da cesura pode ocorrer sem catástrofe na medida em que se mantém a coesão de si em relação: à sensação do infinito de possibilidades, ao aleatório das combinações de elementos psíquicos que se conjugam à escolha que implica deixar de fora conjugações de significado reconhecidas e, por fim, na eleição de um nome que traga uma experiência de harmonização por meio de um novo significado para a experiência emocional.

Portanto, podemos compreender que o luto se refere tanto à tolerância à frustração quanto à expansão de possibilidades, o que implica flexibilidade em relação à rigidez do fanatismo. O fanatismo, enquanto estado mental, apresenta-se como impossibilidade de aprender novos significados para experiências emocionais, remetendo-nos à rigidez e linearidade de estados autistas, o que não quer dizer que todo autista é fanático, mas que o fanatismo se origina em estados autistas (Sor, 1993) que impossibilitam o trabalho

de luto.

A questão que este tipo de compreensão dos processos de luto nos traz é a de lidar com interfaces, pois, ao lado da concepção original, freudiana, a da alteração do eu por identificação com o objeto perdido, teríamos um espaço mental em constante expansão no qual a ideia de aprendizagem com as experiências emocionais não se refere à causalidade ou memória, mas a um trabalho clínico de exploração protagonizado pela dupla paciente-psicanalista em relação ao desconhecido. O desconhecido a ser explorado não é tornar consciente o inconsciente, pois nos aproximamos da concepção do inconsciente como um infinito de possibilidades. Portanto, essa compreensão do luto faz retornar a ideia da tarefa impossível e interminável da Psicanálise; impossível porque inesgotável em suas possibilidades, e interminável pois temos sempre o mesmo ponto de partida – a sessão singular de cada dia de trabalho.

Por último, o trabalho de luto é um processo que se refere a um mesmo fato, ligado à experiência emocional: adquirir um outro significado. Ou seja, uma vez que um mesmo fato adquire novo significado, o continente psíquico que contém este novo significado também se modifica qualitativamente.

Referências:

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. (J. Salomão e P. D. Corrêa, trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
 Bion, W. R. (1989). *Caesura*. In W. R. Bion, *Two papers: the grid and caesura* (pp. 51-56). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1977).
 Sor, D., Senet, M. R. (1988). *Cambio catastrófico*. Buenos Aires: Ed. Kargieman.
 _____. (1993). *Fanatismo*. Santiago: Ananké.

// **Manola Vidal**

Membro convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
 manolavidal@gmail.com

Entrevista com Vinita Kshetrapal



A nossa entrevistada especial, a Dra. Vinita Kshetrapal, é uma colega da Sociedade Psicanalítica Indiana (IPS), diretora-secretária, analista didata e supervisora. Há 27 anos, dedica-se à prática clínica, sendo, também, professora de Psicologia da Universidade de Nova Delhi e autora de diversos textos ricos e criativos. Fazer parte da IPA nos abre uma valiosíssima oportunidade de dialogar com milhares de colegas que, exercendo a Psicanálise nos mais variados contextos histórico-culturais, encantam-nos com a marca da diferença e nos convoca a recriar as nossas instituições, reinventando a Psicanálise.

Você pode nos contar um pouco sobre sua trajetória até se tornar psicanalista e as linhas gerais do seu trabalho atual?

Minha jornada no mundo da Psicanálise remonta a um desejo profundo de me conectar com meu irmão mais velho, uma influência edipiana em minha vida. Seguindo seus passos, ingressei em um grupo psicanalítico focado na autoanálise, facilitado pelo renomado Dr. Sudhir Kakar. Foi lá que experimentei pela primeira vez o potencial transformador da Psicanálise, o que me levou a tomar a decisão resolvida de me submeter à análise de formação pessoal. Passei mais de quatro décadas ensinando Psicologia, aposentando-me em 2021. Desde então, a Psicanálise tornou-se minha vocação principal. Meus dias agora são preenchidos com trabalho clínico, supervisionando o desenvolvimento clínico dos estagiários e engajando-me na busca pela leitura e escrita.

A Sociedade Psicanalítica Indiana (IPS) tem uma história rica, antiga e interessante. A longa correspondência entre G. Bose, o primeiro psicanalista da Índia, e S. Freud demonstra a admiração mútua e também diferenças importantes. Como definiria o perfil

desa instituição após o primeiro centenário da sua fundação?

Existem quatro capítulos na Sociedade Psicanalítica Indiana - Calcutá, Mumbai, Delhi e Goa. Desse, três capítulos apresentam suas formações e demais atividades acadêmicas. Com foco na IPS Kolkata/sede, o perfil atual da Sociedade Psicanalítica Indiana abrange diversas atividades e iniciativas: Treinamento e Educação; Serviços de Saúde Mental; Eventos e Divulgação; Biblioteca; Visitantes Distintos (incluindo Carl Gustav Jung e visitantes recentes, como Dra. Laura Katz); Publicações (o jornal inglês "Samiksa" e um jornal bengali chamado "Chitta"); *Workshops* (terapia de trauma, arteterapia e ludoterapia).

A Psicanálise indiana inspirou analistas de renome mundial, como Bion e Jung. Alguns psicanalistas contemporâneos (Masud Khan e Salman Akhtar, entre outros) têm uma ligação estreita com a Índia, influenciando a formação de muitos analistas em todo o mundo. Que contribuições a Psicanálise indiana vem oferecendo para a Psicanálise ocidental?

A Psicanálise indiana deu contribuições significativas para a Psicanálise ocidental, começando com o trabalho inovador de G. Bose, em 1921. Bose introduziu a teoria dos desejos opostos, desafiando as ideias de Freud sobre a repressão, e manteve correspondência com Freud, enfatizando as diferenças culturais na resolução do Complexo de Édipo em pacientes indianos. Bose também propôs um conceito teórico único de ego, distinto do modelo de id, ego e superego de Freud, iniciando o questionamento de um inconsciente universal e livre de cultura.

Bose tinha um profundo conhecimento da filosofia indiana e aplicou a Psicanálise para reinterpretá-la, escrevendo mais de 40 artigos e cerca de 10 livros. Ele não era apenas um estudioso sério, mas também um mágico que usou suas ha-

bilidades para se conectar com pacientes rurais, tornando a saúde mental mais acessível.

O Dr. Sudhir Kakar continuou essas contribuições enfatizando a especificidade cultural do inconsciente, particularmente com seu conceito de encantamento materno. Seu trabalho estendeu-se à desconstrução de sistemas de cura indianos em seu livro "*Shamans, Mystics, and Doctors*". Além disso, os primeiros anos que Bion passou na Índia tiveram uma influência duradoura no seu desenvolvimento teórico posterior, enriquecendo ainda mais o intercâmbio intercultural em Psicanálise.

Com quase 1,5 bilhão de pessoas, a Índia é o país mais populoso do mundo, com uma cultura complexa e diversificada. Fez conquistas significativas no setor tecnológico e é a 7ª maior economia do mundo. Ao mesmo tempo, assim como o Brasil, convive com enormes desigualdades sociais. Dentro desse contexto, como é, hoje, a prática da Psicanálise na Índia?

Apesar dos avanços tecnológicos, a Índia enfrenta problemas generalizados de desigualdade. A Psicanálise, neste contexto, permanece predominantemente ao alcance da elite urbana e da classe média alta nas cidades metropolitanas. No entanto, existem esforços louváveis para alargar o acesso aos menos privilegiados. Em Calcutá e Mumbai, foram estabelecidas clínicas de baixo custo, enquanto Delhi possui uma iniciativa de 12 anos chamada *Ehsaas*, uma clínica de baixo custo iniciada por Ashok Nagpal e pelo Dr. Honey Oberoi sob os auspícios da Ambedkar University, Delhi.

Além do hindi e do inglês, outras 21 línguas são faladas na Índia. Sendo a Psicanálise uma prática terapêutica tão fortemente relacionada com a linguagem, que impacto tem essa diversidade linguística na Psicanálise?

“...a cultura neoliberal ocidental consumista e de massa pode se revigorar a partir dos profundos valores espirituais tão associados à Índia”.

Na verdade, a Índia possui uma diversidade linguística incrível, com uma infinidade de línguas faladas. Muitos pacientes são proficientes em pelo menos três idiomas e, como a Psicanálise localiza-se predominantemente nos principais centros urbanos, tanto os pacientes quanto os psicanalistas são geralmente versados em inglês e hindi. Conseqüentemente, a comunicação entre os dois ocorre frequentemente por meio de uma mistura de duas ou três linguagens que são mutuamente compreendidas pelo analista e pelo paciente. Não se trata apenas de diversidade linguística; abrange a vasta tapeçaria da diversidade cultural, repleta de uma miríade de expressões culturais, símbolos e metáforas. No domínio da Psicanálise, especialmente quando se trata da tarefa de articular realidades emocionais indescritíveis e intrincadas, essa diversidade revela-se um recurso imensamente valioso.

Terra de Mahatma Gandhi, referência histórica do pacifismo, a Índia é também uma potência nuclear global. Como o exemplo e a referência desse líder ressoam na Índia contemporânea?

A Índia, conhecida como a terra de Mahatma Gandhi, um símbolo histórico do pacifismo, ocupa uma posição única como potência nuclear global. A edição especial do *Samiksa Journal of the Indian Psychoanalytical Society* sobre Gandhi, em 2021, o "Seminário Gandhi", reflete a relevância duradoura desse líder icônico na Índia contemporânea. Os princípios da não violência, verdade e justiça social de Gandhi continuam a ressoar em várias facetas da sociedade indiana moderna. A sua ênfase na resistência pacífica e na desobediência civil continua a ser uma fonte de inspiração para ativistas, líderes e cidadãos que procuram mudanças positivas. Na Índia contemporânea, o exemplo de Gandhi serve como ponto de referência para abordar uma vasta gama de questões, desde a justiça social e os direitos humanos até a sustentabilidade ambiental. A sua filosofia de simplicidade e autossuficiência também encontra relevância num mundo que luta contra o consumismo e as pre-

ocupações ambientais.

A influência duradoura de Gandhi sublinha a importância contínua das suas ideias na definição do caminho a seguir pela Índia. Gandhi continua a ser uma figura proeminente na consciência coletiva, simbolizando os valores duradouros do pacifismo, da não violência e da renúncia. Contudo, paralelamente a esta reverência pelos princípios de Gandhi, há uma prevalência notável de padrões de consumo, incluindo casos de exploração sexual, muitas vezes enraizados na busca de identidade pessoal, mas tingidos de culpa. Os valores fundamentais de Gandhi continuam a exercer uma influência significativa na nossa mentalidade coletiva. Estes princípios servem como guias para a nossa abordagem nacional em contextos internacionais, tais como os atuais conflitos e guerras. Reconhecer e abraçar estes valores muitas vezes exige um certo nível de evolução mental e moral, tornando comum que a memória de Gandhi seja comemorada de forma ritualística como um lembrete constante dos profundos ideais que ele defendeu.

Pode a cultura neoliberal ocidental consumista e de massa, na sua opinião, ser nutrida pelos valores espirituais tão identificados com a cultura indiana? A Psicanálise é fecundada por esses valores?

Acredito firmemente que a cultura neoliberal ocidental consumista e de massa pode se revigorar a partir dos profundos valores espirituais tão associados à Índia. Minha inferência é que a Psicanálise foi enriquecida e nutrida por esses valores. Isso fica evidente na ênfase colocada na verdade e na experiência emocional, que se tornaram fundamentais no campo da Psicanálise. Figuras como Bion, com suas noções de intuição, fé e Messias, exemplificam a influência dessa fertilização. Esses conceitos ressoam com os princípios fundamentais da meditação e do yoga, bem como com as tradições budistas, que há muito se concentram na exploração dessas mesmas noções. A interação entre esses valores espirituais e a Psicanálise moderna indica o impacto duradouro da filosofia indiana no

pensamento e na cultura ocidentais.

Sofrimento e desejo entre culturas será o tema da 4ª Conferência IPA Ásia-Pacífico, que acontecerá em Sydney, Austrália, em 2024. Como palestrante convidada, que contribuição você dará ao evento?

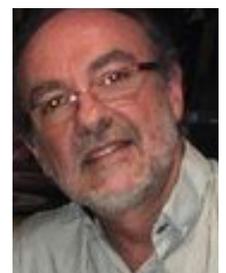
Terei a honra de apresentar um artigo intitulado "*Whispers, Ripples, and Tides: Tracing the Arc of Struggle and Potential in Enduring Affections*" como oradora convidada para a 4ª Conferência IPA Ásia-Pacífico em 2024. Este artigo investiga as complexidades de duradouros relacionamentos íntimos de longo prazo, explorando a dor e a turbulência que podem acarretar, bem como o imenso potencial de crescimento e conexão.

A IPA tornou-se uma corporação gigante, abrindo mais de 13 mil membros distribuídos em 6 continentes. Temos aproveitado esse potencial de enriquecimento inter e multicultural para o desenvolvimento da Psicanálise?

Como uma corporação substancial com 13.000 membros, a nossa jornada contínua de crescimento e enriquecimento é grandemente influenciada pelos diversos contextos multiculturais em que operamos. As conferências internacionais serviram durante muito tempo como plataforma para esse enriquecimento. No entanto, reconhecemos que a promoção de ligações ainda mais profundas por meio da terapia e da supervisão em diferentes continentes poderia ser um caminho inestimável para nutrir e fazer avançar a Psicanálise no nosso cenário em constante evolução.

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com



Luto em Freud, Orfeu, Hitchcock, Vinicius e Rilke¹



Ao contrário do que escreveu quando observou a dificuldade de um amigo (o poeta Rainer Maria Rilke) com a fugacidade e transitoriedade das coisas, Freud vivenciava as perdas de modo bem diferente de quando teorizava. Se considerarmos sua teoria, fica evidente que ele “elabora mal” os lutos – ainda que de um modo que pode nos parecer mais “normal”, porque fora do terreno das ideias quando separadas da vivência emocional. Em cartas enviadas a amigos após a morte de sua amada filha Sophie (25/01/1920), expressou-se mais com o coração, mesmo que forçando-se a teorizar psicanaliticamente: ele disse ter sofrido uma *“ferida narcísica irreparável”* para Ferenczi (04/02/1920); e para Ludwig Binswanger (11/04/1920), escreveu: *“a dor aguda que sentimos por uma perda como esta irá seguir seu curso natural, mas também sabemos que permaneceremos inconsoláveis, e nunca encontraremos um substituto. Não importa o que vier a tomar o lugar do que perdemos: mesmo que possa preencher o espaço vago de modo completo, ainda assim será algo diferente. E assim é como deve ser. É a única maneira que temos de perpetuar um amor que não queremos abandonar.”* Uma das mais antigas representações de um amor que não se quer abandonar em favor de um luto está na lenda de Orfeu: ele desce ao rei-

no dos mortos para resgatar sua idolatrada Eurídice. O mito adverte para a desmesura na empreitada de não aceitarmos as perdas: os deuses do Hades concedem que Eurídice siga Orfeu de volta ao mundo dos vivos, mas com a condição de que ele não olhe para ela enquanto estiverem fazendo o longo percurso de volta das regiões abissais. Eurídice não entende por que ele segue à sua frente sem voltar-se para ela² e tanto implora ser olhada que Orfeu não resiste. No mesmo segundo em que se vira para trás, Eurídice desaparece para sempre. Um dos maiores filmes de todos os tempos, *“Vertigo”* (Um corpo que cai), de Alfred Hitchcock, 1958, recicla o mito em feições contemporâneas: inconformado com a trágica morte da mulher amada (Madeleine/a atriz Kim Novak), o personagem vivido por James Stewart encontra outra mulher (Judy/também Kim Novak) com traços físicos muito semelhantes aos da falecida: tenta vesti-la com roupas iguais às da morta, muda seu cabelo para ficar idêntica a Madeleine... Resta saber se estes novos ‘Orfeu’ e ‘Eurídice’ vão mesmo escapar ao teste da realidade no sentido de conviverem com as perdas e elaborar seus lutos. Conforme Freud (1916), o trabalho de luto se realiza de forma que toda libido será retirada das ligações com o objeto amado, já que a realidade mostra que tal ob-

jeto não existe mais. Porém, como ele confessa na carta a Biswanger, as pessoas nunca abandonam de boa vontade uma posição libidinal, nem mesmo quando encontram um substituto na realidade. Para cada enlutado, sua perda é a pior e a mais difícil, pois cada pessoa é que pode dimensionar sua dor e encontrar (ou não) seus recursos para enfrentá-la. Voltando a Rilke, curiosamente, é este mesmo amigo de Freud mencionado acima que, em seu poema *“Orfeu, Eurídice, Hermes”*, recria outra versão da caminhada de Orfeu, saindo do Hades, com o direito de trazer Eurídice de volta à luz e à vida. Contudo, e a novidade está aqui – em vez da esposa apaixonada que o segue implorando-lhe que se volte para ela e confirme o seu amor, ela, em Rilke, já *“virou raiz”* e entregou-se ao mundo das sombras *“como uma flor que se fecha ao entardecer”*. Quando Orfeu acaba se virando é porque, aflito, tenta conferir se a amada o segue, trazida pela mão do deus Hermes. **E é o deus quem lamenta, exclamando ansioso: “Ele se virou!”**. Eurídice, que nem mais se recorda de Orfeu, pergunta: **“Quem?”**, antes de lentamente retornar para as sombras, longe de Orfeu para sempre.



Léa García, em Orfeu Negro, filme de Marcel Camus, 1959.

¹Este texto traz, em sua maior parte teórica, trechos do trabalho de MELLO, Jansy Berndt de Souza, “Amor, luto e psicanálise”, publicado na revista Ide (São Paulo), 2011, Vol. 34, n. 52 pp. 185-192. ISSN 0101-3106.

²Na valsa “Eurídice”, de Vinicius de Moraes, ela diz *“Não há nada que conforte a falta dos olhos teus, lembra que a saudade mais do que a própria morte pode matar-me... Adeus!”*. E na letra do samba “Lamento”, na peça “Orfeu da Conceição”, é Orfeu quem diz: *“Não posso esquecer o teu olhar longe dos olhos meus! Ah, o meu viver é te esperar só pra dizer adeus”*.

// Jansy Berndt de Souza Mello

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com

A arte de perder não é mistério. Será?



Eu cresci ouvindo histórias contadas pela minha mãe e avós. Talvez esta seja uma das razões por que gosto tanto de ouvir histórias e de contá-las. Estudei Medicina, Psiquiatria e, com os anos, me tornei psicanalista. Ouvir e contar histórias continua sendo meu gosto e ofício. Ao realizar oficinas de narrativas, eu me dei conta da emoção ao relembrar vários momentos de minha vida e das relações que estabeleci no decorrer dos meus mais de 60 anos. Pude visitar a mãe contando as histórias, o irmão e irmãs ainda pequeninos, os amigos do colégio, os professores... Sempre me surpreendo ao perceber conexões com lembranças mais recentes. É incrível – e vivo repetindo isso para os alunos de Medicina – como o ato de escrever amplia nossa percepção do mundo interno e do mundo ao redor!

Os acadêmicos de Medicina, próximos ao

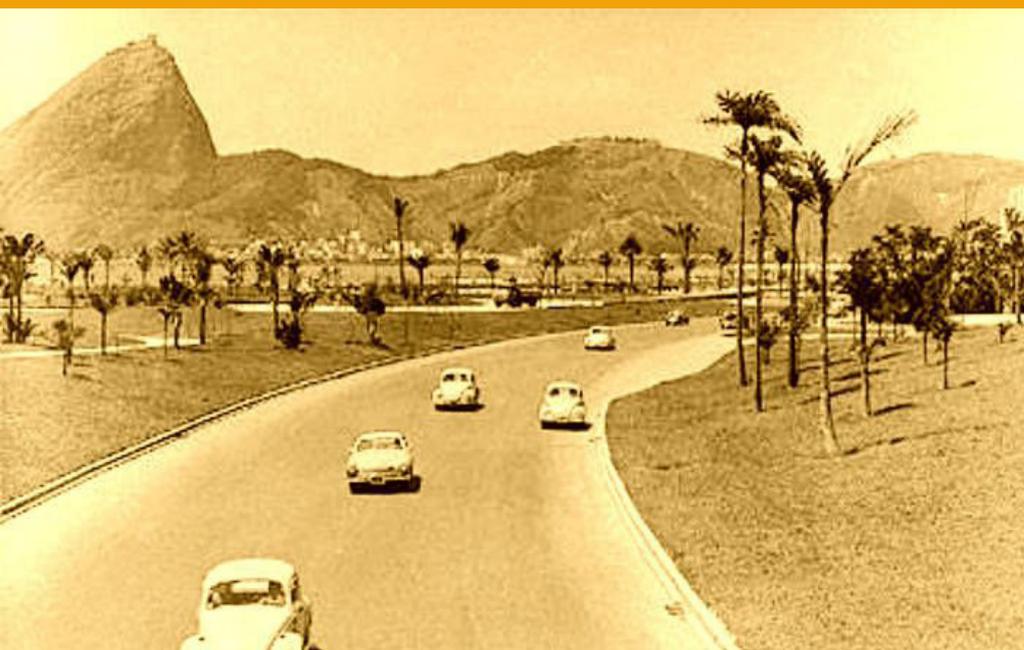
término do curso, fazem uma “caixinha da saudade” para cada um dos colegas, que trocam entre si. Em seu interior colocam pequenos objetos que marcaram os anos de estudo, significativos de seu percurso e cartas. Mais adiante, esses momentos podem ser revisitados. Também incluem objetos desejados e necessários para o futuro. Me parece uma maneira criativa para realizar essa passagem: passado, presente e futuro contidos numa mesma caixa.

Ao escrever, agora, lembrei-me das conversas com Ivanise Ribeiro – psicanalista do Recife, quando falávamos de como a Psicanálise também é a descoberta da criatividade de cada um – uma capacidade que se desenvolve desde a infância, onde recursos internos mobilizam-se para lidar com as situações. Perdas e lutos se apresentam nas diversas fases da vida. Não apenas no envelhecimento, mas na passagem da in-

fância para a adolescência, na formatura profissional e outros momentos em que é preciso abandonar uma antiga posição, aceitar limites e descobrir como vai seguir a partir deles. A maneira como o aparelho psíquico lida com essas situações vai definir a reação às últimas crises da vida, a chegada da velhice e o dar-se conta da finitude. Encontram-se saídas criativas, ou não, para lidar com esses momentos.

O convívio com Marialzira Perestrello, seus estudos sobre arte e criatividade sobre as correspondências de Freud, a parceria de muitos anos com Miriam Fainguelernt, dentre outros encontros, deixaram um legado em mim: estudos, experiências e reflexões. Dentre elas, uma reflexão profunda acerca do envelhecimento e do luto que o afastamento do trabalho analítico apresenta. Torna-se difícil o abandono de papéis com tanto significado. Falamos disso, Miriam e eu, no artigo “Dizendo adeus ao divã”. É a própria Psicanálise que pode ajudar a se situar nesses momentos cruciais. Sigo na vida e na Psicanálise. Será o uso da criatividade em novos agenciamentos, novos encontros e paixões? E estou falando de lutos: quantos lutos alguém que vive muito precisa realizar?

O papel da Psicanálise, penso, é poder mobilizar recursos internos em mim, em cada um de nós, para lidar com os mistérios da vida. E torno a repetir as palavras de Hanna Segal, em 1952: “Quando o mundo dentro de nós está destruído, quando está morto e sem amor, quando os entes queridos estão em fragmentos e nós próprios nos achamos num irremediável desespero – é então que devemos recriar nosso mundo novamente, reunir peças, infundir vida aos fragmentos mortos, recriar a vida”.



Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro – década de 60/70.

// Cristina Amendoeira
cristinamendoeira@gmail.com



Formação em Psicanálise ou A Grande Travessia

Como se tornar um analista? Primeiro, é preciso desejar ser. Depois, é preciso permitir-se ser. O processo é lento, contínuo, nem percebi exatamente quando aconteceu. A partir da minha primeira análise, procurei ajuda porque precisava resolver conflitos, estava com problemas com a escrita da dissertação de mestrado. Comecei a desenrolar novelas, a puxar fios e não parei mais. Quando iniciei a formação, não fazia ideia para onde exatamente estava caminhando. Sabia que desejava ajudar pessoas conforme fui ajudada e continuava sendo. Mas não tinha uma base teórica ou um conhecimento da técnica psicanalítica que me dessem uma fundamentação. Era tudo muito novo, uma ciência desconhecida para mim.

Saramago (2018) diz que *"...é necessário sair da ilha para ver a ilha que não nos vemos se não saímos de nós"*. Saí, metafórica e concretamente, pois nasci, e moro em uma ilha (Vitória). Como a Formação em Psicanálise que escolhi fazer fica em outra cidade, todas as quintas-feiras, no início da tarde, me juntava a outras índias (capixabas) e entrava no grande pássaro (avião da Gol) para ir até o Rio (de Janeiro). Em pouco mais de 24 horas fazia quatro sessões de análise, uma ou duas supervisões, seminário clínico, teórico. Voltava para casa abastecida de ideias e muito cansada.

Mas a verdadeira viagem – a grande travessia – fiz nadando no oceano do meu inconsciente. Milton Nascimento (1972) canta *"para quem quer se soltar invento um cais"*. Freud desejou se lançar no inconsciente e inventou um cais, o da Psicanálise. Eu saí pela porta das decisões (Saramago, 2018) e me lancei na praia, perto de casa.

Mudar a direção do leme da vida não é fácil, não pode ser brusco, precisa de delicadeza e firmeza. Para buscar um novo norte, é preciso se orientar. Os nadadores da família disseram que o relógio Garmin tem o melhor GPS, mas preferi usar *"garra em mim"*. Segui, nadando, enfrentando ondas, correntes ma-

rinhas, águas vivas, desviando dos rochedos, contornando ilhas. Às vezes, apareciam cardumes de peixes que me acompanhavam, ficando mais divertido. Às vezes, eram peixes grandes, agressivos; tinha que me esconder para me proteger. Muitas vezes senti um cansaço extenuante; nadava até uma praia próxima para descansar. Quando havia tempestades ficava muito difícil, perdia a visão do sol, da lua, das estrelas, precisava desses astros para traçar a rota.

Foram muitos os conflitos resolvidos nessa longa travessia da Pediatria para a Psicanálise. Vários lutos para encerrar os ciclos profissionais de uma carreira solidamente construída. A vida não parou, muitas mudanças foram acontecendo, todos os filhos saíram de casa, casaram-se, o neto nasceu. A casa concreta também foi reformada para atender às novas necessidades do casal que amadurecia.

Houve a morte da mãe e o grave adoecimento da analista que precisou se afastar de sua profissão no meio da minha travessia.

Encontrei ajudas valiosas que contribuíram para que o percurso fosse completado e a transformação acontecesse.

Terminar a formação significa encerrar uma etapa, nesse processo interminável de me tornar analista.

Referências:

NASCIMENTO, M. e BASTOS, R. Clube da Esquina, Cais, faixa 2. 1972.

SARAMAGO, J. O conto da ilha desconhecida. 19ª ed. Porto. 25 p. e 28 p. 2018.

// Maria da Penha de Mattos Nascimento

Psicanalista,
membro associado da SBPRJ
penhamattos@gmail.com



Bonito, MS / Foto Instagram: @fernandoperesphotos.



Luiz Alberto Oliveira

Físico, doutor em Cosmologia, foi pesquisador do Grupo de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF/MCTI), onde também atuou como professor de História e Filosofia da Ciência. Pesquisador associado do Programa Idea, da Escola de Comunicação da UFRJ, foi o primeiro Curador Geral do Museu do Amanhã do Rio de Janeiro. Atualmente, é pesquisador, palestrante e consultor de diversas instituições brasileiras e internacionais.

Em que ponto você está?

Em ponto de exclamação. Porque nos encontramos – tudo o que está na superfície do planeta – em ponto de fervura. Os físicos denominam de fases os diferentes modos de organização das substâncias, que, na linguagem cotidiana, chamamos de estados – sólido, líquido, gasoso, plasma. Uma mudança de fase – portanto, de estrutura – ocorre quando certos pontos críticos da evolução dinâmica de um dado sistema são atingidos e ultrapassados, como quando a água fervente se converte em vapor. Pois bem, o metabolismo planetário se aproxima celeremente de uma defasagem – significando que os fluxos de atividade química e energética que encarnam esse metabolismo derivam para um desequilíbrio generalizado, característico de uma transição para uma nova configuração, um novo regime de funcionamento. Dito de outro modo: estamos em ponto de bala.

A partir de sua apresentação "O Planeta Humano" (Reunião Científica SBPRJ – 09/11/23), grave e convocadora, amplio a pergunta: como o homem contribui para o próprio risco de desaparecimento? Em que ponto estamos?

Talvez os fatos mais importantes de que começamos a ter entendimento em nossa época sejam o reconhecimento de que o conjunto da atividade humana se tornou uma força de transformação de alcance planetário, e que os efeitos dessa atividade terão muito longa duração. A história da Humanidade, desde a invenção decisiva da cidade, estende-se por cerca de cem séculos; numa transformação globalizante que principiou há pouco mais de dois séculos e meio – a expansão do Capita-

lismo – o poder de intervir sobre os processos que compõem e ativam o que chamamos de ambiente natural multiplicou-se aceleradamente, no ritmo exponencial das inovações tecnocientíficas, e as alterações nos fluxos de matéria, energia e organização que têm sido o contexto básico para a existência da civilização ela mesma serão de longo prazo, como exemplificado pela difusão nos oceanos, solos e ares de partículas radioativas e de microplásticos, que levarão séculos de séculos para serem assimilados. O termo Antropoceno – a Era dos Humanos – foi proposto como forma de exprimir essa potência assombrosa que a presente Civilização Terrana (pois não há domínios que não estejam, direta ou indiretamente, sob o impacto da atividade humana globalizada) passou a exercer. Há inúmeros exemplos de espécies que tiveram de se adaptar a mudanças ambientais que elas mesmas causaram, é certo, mas ao que sabemos, somos a única espécie que tem conhecimento dos efeitos transformadores de sua atividade e de sua escala global, e pode assim fazer escolhas acerca dos diferentes percursos que se abrem para a construção do futuro. Como as antigas tragédias ensinam, esse conhecimento envolve casualidade e determinação, e é, ao mesmo tempo, entusiasmante e desesperador.

Fale-nos das visões do pesquisador James Lovelock e do ambientalista Paul Gilding sobre o futuro da Era dos Humanos.

O geógrafo e escritor Jared Diamond descreve o atual estágio do capitalismo hiperfinancista e ultraconectado de hoje por um termo tão conciso quanto contundente: colapso. De fato, examinando de modo integrado fatores ambientais e econômicos, a evolução de impérios

e nações ao longo da história invariavelmente demonstra que, quando a demanda por recursos naturais e a desigualdade social interclasses ultrapassam simultaneamente certos limites, sobrevém um estado de profunda crise, um processo de colapso, que tanto pode ser passageiro, isso é, reversível, quanto definitivo. Ora, é evidente que a atual Civilização Terrana exhibe precisamente esses índices críticos – degradação ambiental generalizada, hiperconsumismo desabalado, desigualdade aviltante – e não há, em princípio, razão alguma para que possa se furtar à regra histórica. Por outro lado, a única afirmação sensata que se pode fazer sobre o futuro é a de que ainda não está pronto, acabado, à espera que cheguemos até ele. Pelo contrário, a partir de cada hoje, há sempre todo um delta de amanhã possíveis, de candidatos viáveis a estados de coisa por vir. Como nos orientar nesse oceano de possibilidades? Os antigos liam os desígnios divinos nas entranhas de animais sacrificados; já nós dispomos de incontáveis meios de sensoriamento e registro, que produzem montanhas de dados sobre praticamente todos os aspectos do mundo e da vida, e podemos desenvolver modelos e projeções baseados em evidências bem estabelecidas, que nos permitem extrapolar as configurações atuais e estabelecer tendências que nos indicarão, confiavelmente, quais os cenários de futuro serão mais prováveis. Definidos esses cenários prováveis, trata-se de considerar e implementar estratégias que nos conduzam às situações mais desejáveis. As perspectivas antagônicas do inventor James Lovelock, que tomou a imagem da divindade arcaica Gaia e a transformou em um conceito capaz de simbolizar o funcionamento integrado do sistema complexo Terra, e do ambienta-

“Ao que saibamos, somos a única espécie que tem conhecimento dos efeitos transformadores de sua atividade e de sua escala global...”

lista Paul Gilding, antigo diretor da organização ecologista Greenpeace, podem representar, ainda que de maneira reduzida, as posições sobre o desenrolar do presente processo de colapso: para Lovelock, uma mudança climática brutal já está contratada, e chegaremos ao fim do século com uma população dizimada, em condições ambientais muito áspers, e com a sexta Grande Extinção das Espécies em pleno vigor. Já Gilding aposta na flexibilidade que nossa imensa capacidade transformativa – a mesma que deslanchou o Antropoceno – para desenvolvermos a tempo os meios de suavizar os impactos das mudanças do clima e da biodiversidade, e reorganizarmos as sociedades para além da avidez capitalista, seguindo, por exemplo, a ética da frugalidade predicada por Franco Berardi. Em todo caso, o que se pode dizer, ecoando Paul Valéry, é que o futuro não será como antigamente.

Pensando na Ética do Consumismo, na desigualdade acachapante, nos governos que gastam dez trilhões de dólares em armas, que insistem em energia fóssil, como pôr em prática as ideias loucas, audaciosas sugeridas pelo biólogo Edward Wilson? Como contrapor o envivamento à pulsão de morte? Como sermos todos Greta Thunberg?

Já há algum tempo, o ensaísta Adauto Novaes tem refletido sobre a insuficiência das noções de crise e reforma para dar conta do espesso feixe de problemas que envolve a atualidade, e passou então a propor, como operadores efetivos para a elaboração de um diagnóstico do estado de coisas presente da civilização, os conceitos de mutação e refundação. Uma crise se instaura quando há uma fratura no fundamento de um dado sistema, tornando instável seu

desenvolvimento; é preciso, assim, promover uma reforma que reduza a fissura, restaurando a estabilidade de seus processos básicos. Mas quando a fissura recobre o fundamento, isto é, quando ocorrem simultaneamente variadas e profundas rupturas em inúmeros elementos da estrutura em questão, verifica-se um tal adensamento de flutuações, de derivas mutuamente reforçadas, que o próprio sistema tem sua natureza alterada: sucede agora uma mutação, uma combinação dinâmica de determinações incoercíveis e contingências irredutíveis, que corresponderá a uma autêntica refundação de todo o conjunto de agentes e processos que integram o sistema. Em paralelo, será evidentemente necessário destronar paradigmas e atitudes que vigoravam para a configuração anterior, mas que doravante se revelarão ineficazes e obsoletos – como o dispêndio de trilhões de dólares em armamentos, isto é, em entropia enlatada, *prêt-à-porter*. É claro, somente novas ideias e iniciativas originais poderão encarnar as múltiplas dimensões transformativas acarretadas e requeridas pela mutação civilizacional. Por isso, diz o biólogo E. O. Wilson, apenas propostas malucas, absurdamente ambiciosas – como dividir o planeta em dois domínios, um para os humanos, outro para o restante dos seres vivos – estarão à altura, e à profundidade, dos movimentos disruptivos atualmente em curso. Do ponto de vista da ação política, enfim, parece claro que a escala das iniciativas que a situação demanda deve ser a mais ampla possível, deve incorporar todas as muitas humanidades que compõem a Humanidade. Por isso, é necessário que sejamos todos ativistas, quer como pessoas, quer como agentes sociais; é preciso que sejamos todos Gretas.

O que esperar da COP 28?

Apenas a reiteração da incapacidade decisória que tem caracterizado as COP desde sempre – isto é, mais uma camada de boas intenções revestindo o inferno da inação. Seguimos ainda o ritmo de pequenos passos incrementais, adotado justamente por ser inteiramente inefetivo com relação às causas reais da situação cada vez mais crítica. Dessa vez, foi a menção a “energias fósseis” no comunicado final – a primeira vez que essa forçante decisiva é incluída no relatório! Ainda não foi possível superar a inércia ativamente produzida por um sem-número de instituições e corporações e estabelecer uma data para a transição objetiva para além da matriz fóssil. A ironia suprema, sem dúvida, é a de que já dispomos dos meios para realizar essa transição – não carecemos de reatores de fusão, sempre trinta anos à frente, ou de mágicas de ficção científica. Já temos nas mãos os instrumentos para implementar a refundação – mas hesitamos... Boquiabertos, nossos netos nos espiam desde o futuro e se perguntam: como puderam fazer isso conosco? É esta pergunta, esperemos, que haverá de nos mover, em alguma manhã luminosa, a sair às ruas, em todo o mundo, e fazer o que precisa ser feito.

// Sandra Gonzaga e Silva

gonzaga.sagon@gmail.com





"Nós por todas"

Nesta coluna, demandamos a uma personalidade um momento transformador em sua existência. No tocante relato abaixo, a atriz e roteirista Maria Eduarda de Carvalho, que acaba de dirigir seu primeiro longa-metragem, intitulado "Nós Por Todas", uma ficção documental que trata do desejo feminino, relembra o nascimento de sua vocação: fazer da fantasia uma forma de vida.

A menina ruiva desejava ser mais uma. Mas foi colocada na prateleira dos exóticos e isso construiu uma sensação permanente de inadequação. Seu descompasso com o mundo lhe causava muitos medos. Tinha medo de ser engolida pelo escuro, medo de assistir telejornal, medo de dormir na casa nova do pai. Uma forma que inventou para tapear o medo e o desamparo que o medo causava foi in-

ventar histórias. Uma vez escreveu sobre uma cidade que tinha o privilégio de ter o Sol e a Lua existindo ao mesmo tempo, iluminando e escurecendo, de mãos dadas, o céu de toda uma região. Se achando genial, buscou o pai pra mostrar seu feito. Racional, ele explicou que Sol e Lua jamais existiriam lado a lado e que a mente ruiva já devia ter capacidade para compreender aquilo. A mente ruiva não tinha capacidade sequer para compreender o que queria dizer a palavra capacidade e passou horas imaginando um capacete gigante – onde as pessoas entravam vazias de conhecimento e saíam recheadas de informação.

Mas eu não teria sido quem sou, se meu pai não tivesse me levado ao teatro: eu, que sempre tive pânico de escuro, do escuro do teatro nunca tive medo. Aquele escuro me acolhia, me amparava. Acendia a luz da minha imagina-

ção. Passei a querer morar no teatro. Só existir dentro da ficção. Inveniente que a solução para o meu descompasso com o mundo era ser uma peça. Eu não queria fazer a peça, eu desejava ser o texto. Nestes momentos de criação, do alto da prateleira dos exóticos, eu me sentia em profundo compasso e adequação. Nestes momentos, minhas diferenças não me diminuam. Elas me singularizavam, me tornavam única. E eu gostava. Me sentia amparada pela minha própria imaginação. No teatro, aprendi que a vida real só serve a quem não tem nada melhor o que inventar. Quando, aos 13 anos, subi em um palco pela primeira vez, já tinha clara dentro de mim a urgência de fazer da fantasia uma forma de vida.

// Maria Eduarda Carvalho
edumaria@gmail.com

Moção de Louvor e Reconhecimento



No último dia 27 de novembro, a psicanalista Wania Maria Coelho Ferreira Cidade, ex-presidente da Sociedade Brasileira do Rio de Janeiro

e atual presidente da Federação Psicanalítica da América Latina – FEPAL, recebeu da vereadora Mônica Cunha, presidente da Comissão Especial de Combate ao Racismo – CECOR, instalada na Câmara Municipal, a Moção de Louvor e Reconhecimento por seu trabalho de combate ao racismo e pelo bem viver da população negra. Na Moção, cujo documento Wania segura alegremente na foto, lê-se o seguinte texto, de autoria de Mônica Cunha:

A existência de uma vida ou de uma coletividade depende de que suas histórias sejam contadas, que sejam impressas nas narrativas do mundo, que sejam acessadas no futuro, indelévels.

Há uma categoria de pessoas que incorporam a missão de contar sobre essas vidas: comunicadores, poetas do tempo presente. Em se tratando de vidas negras, a responsabilidade se amplifica porque trata de uma população que teve suas histórias rasuradas ou apagadas por projetos ou con-

tadas por pessoas que não compartilhavam da experiência coletiva da negritude.

As atividades realizadas durante o Novembro Negro estão ligadas à efetividade da luta por conscientização e apropriação de uma história negada para a população do nosso país, que é majoritariamente negra e tem invisibilizada sua contribuição social na construção da cidadania e identidade brasileiras.

Por sua relevante atuação na valorização da memória negra e, conseqüentemente, sua importância no processo de resistência e reparação, nosso Mandato vem homenageá-los com a Moção de reconhecimento pela enorme contribuição para a construção de outra sociedade brasileira, mais justa, a partir da reflexão sobre a formação e as possibilidades para um país com desigualdades étnicas e raciais.

// Sandra Gonzaga e Silva e Tiago Mussi